



A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia

the dynamics of religious affiliations in Brazil between 2000 and 2010: diversification and changing process of hegemony

*José Eustáquio Diniz Alves**

*Luiz Felipe Walter Barros***

*Suzana Cavenaghi****

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010, enfocando quatro grandes grupos: católicos, evangélicos, sem religião e outros. O número de adeptos da religião Católica Apostólica Romana, que já vinha caindo em termos relativos, diminuiu em termos absolutos pela primeira vez na última década. As pessoas que se declaram evangélicas mantiveram a tendência de crescimento, tanto em termos absolutos, como relativos. O número de pessoas que se declaram sem religião continuou aumentando, representando o terceiro contingente em nossa análise. Os demais grupos religiosos, mesmo pequenos em termos agregados, também apresentaram aumento. O Brasil vem passando por um processo de diversificação religiosa e a análise das características regionais e demográficas da população, segundo as opções religiosas, ajuda a entender o processo em curso de mudança de hegemonia e maior pluralidade na composição das religiões no Brasil.

Palavras-chave: Religião, Pluralidade religiosa, Características demográficas, Censo 2010, Brasil.

Abstract: The objective of this paper is to analyze the dynamics of religious affiliations in Brazil between 2000 and 2010, focusing on four major religious groups: Roman Catholics, evangelicals, without religion, and all others. The number of Catholics adherents, which was already falling in relative terms, declined in absolute numbers for the first time in the last decade. People who declared to be

* Professor do Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), contato: jed_alves@yahoo.com.br

** IBGE, Diretoria de Pesquisas, Gerência Técnica do Censo Demográfico, contato: luiz.w.barros@ibge.gov.br

*** Professora da ENCE/IBGE, contato: suzana_cavenaghi@uol.com.br

evangelicals maintained the growth trend, both in absolute and relative terms. The number of people without religion continued to increase, representing the third biggest group in our analysis. The group of other religions, even small in aggregate, also increased. Brazil has been undergoing a process of religious diversification and a regional and demographic analysis of the population, according to the religious options, help understanding the ongoing process of change in the hegemony of Catholics and the greater plurality in the composition of religious affiliation in Brazil.

Keyword: Religious plurality, Demographic Characteristics, Census 2010, Brazil

1. Introdução

O Brasil passou por momentos de inflexão em sua história sem grandes traumas ou revoluções sangrentas. A independência, em 1822, foi liderada pelo príncipe herdeiro que rompeu com a metrópole, mas, ao invés de mudar o regime de governo, instalou a única monarquia das Américas. O fim da escravidão, em 1888, aconteceu pelas mãos da princesa regente e nem de longe reproduziu o cenário da Guerra de Secessão dos Estados Unidos. No ano seguinte, *o povo assistiu bestificado* a proclamação da República. A República Velha caiu, em 1930, sem grandes resistências do coronelismo. O ditador Getúlio Vargas, que foi deposto em 1945, voltou nos braços do povo em eleições livres e diretas em 1950. A ditadura militar promoveu um processo de distensão política em 1974, que culminou com uma eleição indireta para Presidente da República. Mas isto ocorreu em um colégio eleitoral com alguns representantes *biônicos*, que elegeu Tancredo Neves, mas quem assumiu a Presidência foi José Sarney, o ex-líder do partido que sustentou por 20 anos o regime ilegítimo e autoritário.

Evidentemente o Brasil permanece sendo um dos países mais desiguais do mundo, com profundas diferenças de raça, de gênero e de distribuição espacial. Mas, o que todos estes acontecimentos históricos têm em comum é que o Brasil mudou, deixando de ser Colônia, superando a Escravidão, derrubando a Monarquia, implementando a República (em suas diferentes fases), promovendo a modernização, a industrialização e a urbanização, mas sem mudar de religião. O país recebeu das mãos lusitanas em 1500 a religião hegemônica, que prevaleceu incontestavelmente majoritária por cerca de 500 anos. A sociedade brasileira foi profundamente marcada pelas práticas, ensinamentos e dogmas da religião Católica Apostólica Romana. Nos últimos 200 anos, o Brasil passou por diversas transformações sociais, mas a religião herdada dos colonizadores se manteve presente no lar da maioria da população.

De fato, não é comum um país mudar de religião. Os Estados Unidos, por exemplo, também passaram por grandes transformações econômicas e sociais, mas continuaram predominantemente protestantes. A Rússia fez uma grande revolução e viveu grandes acontecimentos sangrentos, mas continuou católica ortodoxa. O Japão mudou completamente seu modo de vida desde a revolução Meiji, mas não mudou de religião. A Turquia se modernizou, mas não deixou de ser muçulmana. E assim por diante.

Porém, a grande novidade do século XXI é que o Brasil está deixando de ser majoritariamente Católico Apostólico Romano e, mantendo-se as atuais tendências, deve passar por uma mudança de hegemonia religiosa nos próximos 20 a 30 anos. Entre os 10 maiores países do globo, isto deve acontecer somente no Brasil, que é considerado o maior país católico do mundo e, provavelmente, deixará de sê-lo em poucas décadas. O Brasil vai se tornar exemplo de um fenômeno raro, que é a mudança na composição religiosa da população. E, como costuma acontecer na história brasileira, deve ser uma mudança sem grandes rupturas, sem traumas ou batalhas sangrentas. Só não será uma revolução silenciosa, na concepção de Inglehart¹, porque as correntes pentecostais, que mais crescem, não costumam respeitar as leis do silêncio.

2. Grupos com destaque: católicos, evangélicos e sem-religião

No Brasil, cerca de 95% das filiações se concentram em três grupos, classificados como: católicos, evangélicos e “sem-religião”². O grupo de outras religiões, como espíritas, umbandistas, adeptos do Candomblé, judeus, budistas, muçulmanos, hinduístas, etc., representa cerca de 5% das filiações religiosas. Embora o estudo desagregado das diversas filiações religiosas seja importante, neste artigo, por questões de foco e espaço, serão considerados apenas quatro grupos, sendo que o objetivo é dar destaque para os três maiores agrupamentos que se diversificam e apresentam mudanças significativas.

2.1 OS CATÓLICOS

Existem três denominações entre os católicos no Brasil: a Católica Apostólica Romana, a Igreja Católica Brasileira e a Igreja Católica Ortodoxa. A religião Católica Apostólica Romana perfaz mais de 99% dos católicos e fez parte constitutiva do projeto colonial, desde o planejamento das grandes navegações portuguesas.

¹ RONALD INGLEHART. The Silent Revolution in Europe: Intergenerational Change in Post-Industrial Societies.

² J.E.D. ALVES, M.S. NOVELLINO. A dinâmica das filiações religiosas no Rio de Janeiro: 1991-2000, Um recorte por Educação, Cor, Geração e Gênero.

Os primeiros padres chegaram ao Brasil com Pedro Álvares Cabral e a primeira missa foi rezada por Frei Henrique Coimbra, no sul da Bahia, no dia 26 de abril de 1500. A união entre o Estado Brasileiro e a Igreja Católica teve seus vínculos mais fortes durante o período colonial (1500-1822) e o Império (1822-1889). Segundo Fausto, durante o período colonial, a Igreja brasileira estava presente na vida e na morte das pessoas, nos episódios decisivos do nascimento, casamento e morte, além de concentrar em suas mãos a educação:

As duas instituições básicas que, por sua natureza, estavam destinadas a organizar a colonização do Brasil foram o Estado e a Igreja Católica. Embora se trate de instituições distintas, naqueles tempos uma estava ligada à outra. Não existia na época, como existe hoje, o conceito de cidadania, de pessoa com direitos e deveres com relação ao Estado, independentemente da religião. A religião do Estado era a católica e os súditos, isto é, os membros da sociedade, deviam ser católicos³.

Segundo Mafra⁴, após a chegada da família real (1808) houve a abertura dos portos e começou certa circulação de estrangeiros, inclusive alguns ingleses anglicanos. Nesse novo quadro, houve necessidade de se criar alguma regulamentação legal para que os estrangeiros realizassem os seus cultos, ainda que de modo restrito. Os imigrantes alemães – luteranos – que chegaram em 1824 a Nova Friburgo (RJ) e São Leopoldo (RS) seguiram as regras de que o salão de culto não deveria ter aparência exterior de igreja e a pregação deveria se restringir aos membros do grupo religioso.

Somente com a Proclamação da República, em 1889, foi que a religião católica deixou de ser a religião oficial do país. Importantes funções, até então monopolizadas pela Igreja Católica, passaram a ser função do Estado, que criou o registro civil para o nascimento e o falecimento das pessoas, passou a só reconhecer o casamento civil e entregou às administrações municipais o controle dos cemitérios. Foi estabelecida a liberdade de culto de todas as crenças religiosas. Essas medidas refletiam o espírito laico dos dirigentes republicanos, assim como tinham o objetivo de facilitar a integração dos imigrantes.

Mas os vínculos entre a Igreja e o Estado brasileiro continuaram. Em 31 de maio de 1931, já no governo de Getúlio Vargas, Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi proclamada Padroeira do Brasil. Quando o Papa João Paulo II veio ao Brasil, em 1980, o governo militar brasileiro declarou o dia de Aparecida, 12

³ BORIS FAUSTO. História do Brasil, pp. 59 e 60.

⁴ CLARA MAFRA. Os evangélicos.

de outubro, feriado nacional. Portanto, a religião católica, na maior parte da sua história nacional, se imbricava fortemente com a sociedade brasileira. Porém, existe uma diferença em *ser católico* e *ser católico praticante*. Segundo Brandão⁵:

Na verdade, é preciso suspeitar que um país onde uma dominância política da Igreja Católica correspondeu durante quase toda a sua história a uma frouxa relação cotidiana entre os agentes de Igreja e a massa de fiéis, aqueles católicos que não se reconhecem participantes da 'vida da Igreja' acreditam que, a 'seu modo', estão incluídos legitimamente na 'vida da religião'.

Desta forma, é preciso registrar que grande parte dos católicos no Brasil sempre teve uma frouxa relação com a Igreja. Com o processo de industrialização, urbanização e secularização do país, na segunda metade do século XX, essa fraca relação começou a sair do controle. Por um lado, muitos fiéis não participam do dia a dia da Igreja. Por outro lado, um setor da Igreja se aproximou das forças de esquerda em meados do século passado. A Ação Católica brasileira, juntamente com a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Operária Católica (JOC), deram origem à Ação Popular (AP). Na época da ditadura militar, foram criadas as Comunidades Eclesiais de Base (CEB), com orientação da Teologia da Libertação.

Paralelamente, surgiu o movimento da Renovação Carismática Católica (RCC), que nasceu nos Estados Unidos no ano de 1967 e rapidamente se espalhou pelo mundo, chegando ao Brasil entre 1969 e 1972. Segundo Prandi e Souza⁶, o movimento dos carismáticos, como o Pentecostalismo, defende que a renovação espiritual é fruto da importância que nela têm os carismas ou dons do Espírito Santo. Os autores consideram que existe uma oposição entre as CEBs e a RCC, marcando muitos conflitos dentro da Igreja Católica:

A RCC propõe um tipo de vivência religiosa centrada nos carismas do Espírito Santo, como do dom de línguas, de cura, etc., volta-se para a intimidade, pouco valorizando as questões sociais e rejeitando a participação política nos moldes propostos pela Teologia da Libertação. A RCC pode ser entendida como um duplo movimento de reação conservadora da Igreja: a) como reação voltada para dentro do próprio catolicismo, contrária ao tipo de religiosidade das comunidades eclesiais de base, preocupadas com a ação social em favor de uma sociedade mais justa que deve ser transformada por meio da militância

⁵ CARLOS BRANDÃO, *Ser católico: dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião*, p. 51.

⁶ R. PRANDI; A.SOUZA, *A carismática despolitização da Igreja Católica*, p. 88.

religiosa; e b) como reação voltada para fora do catolicismo, agora em oposição ao evangelismo pentecostal, em competição por devotos, adotando do pentecostalismo traços essenciais, mas mantendo forte identidade católica, com o culto a Maria, a fidelidade ao papa e a frequência aos sacramentos.

2.2 OS EVANGÉLICOS

Os evangélicos ou protestantes remontam ao movimento da Reforma Protestante, ocorrida na Europa no século XVI. A Igreja Católica, aliada à Coroa Portuguesa, conseguiu manter os evangélicos longe do Brasil nos três primeiros séculos da história brasileira. Esse quadro começou a mudar após a chegada de grandes contingentes de imigrantes europeus de origem protestante. Sob a pressão da Inglaterra Anglicana, o Brasil relaxou as proibições religiosas. Segundo Brandão⁷, as religiões evangélicas cresceram no Brasil não só por meio da imigração, mas também do trabalho de missões conversionistas estrangeiras e, posteriormente, em virtude da proliferação de igrejas nacionais independentes:

O 'protestantismo brasileiro' distribui-se entre três ramos principais: a) as denominações 'de imigração', que em boa medida, demográfica e culturalmente, comportam-se como outras religiões de minorias nacionais; b) as denominações 'históricas', de ingresso posterior no país e onde a influência do trabalho conversionista de missões norte-americanas foi muito marcado (presbiterianos, congregacionais, batistas, metodistas); c) as confissões pentecostais.

Em 1855, chegou ao Brasil o inglês Robert Kalley (puritano), que se instalou em Petrópolis e adotou um estilo discreto, mantendo boas relações com a aristocracia da cidade e com o imperador Dom Pedro II. Em 1859, desembarcou na capital do país o missionário americano Ashbel Green Simonton, que fundou a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, conseguindo ampliar o número de fiéis, apesar da docilidade e perseguição que regia as relações dos missionários evangélicos com os nativos católicos, como mostrou Mafra⁸.

Segundo a autora, os batistas, a partir de 1882, adotaram um estilo maciço de propaganda religiosa e, em 1907, já possuíam 83 igrejas e mais de 4 mil membros. Em 1910, chegaram ao Pará dois missionários suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, que procuraram inicialmente a Igreja Batista, mas, pouco depois, criaram a Igreja Assembléia de Deus, que rapidamente se multiplicou, reunindo

⁷ CARLOS BRANDÃO, *Ser católico: dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião*, p. 30.

⁸ CLARA MAFRA. *Os evangélicos*.

gente humilde pelas cidades do país. Na mesma época, foi criada em São Paulo a Congregação Cristã no Brasil, que é considerada a primeira igreja pentecostal em território brasileiro. No início da década de 50, foi fundada, também em São Paulo, a Igreja do Evangelho Quadrangular, pelo norte-americano Harold Williams. A ênfase no dom da cura e a incorporação de recursos tecnológicos, no culto e no proselitismo, estão presentes nas denominações criadas a seguir: O Brasil para Cristo (1951), Pentecostal Deus é Amor (1962) e Igreja Universal do Reino de Deus (1977).

Todos esses exemplos mostram que os evangélicos cresceram no país no século XX, embora tenha sido um crescimento diferenciado e através de uma diversidade de denominações. A nomenclatura utilizada pelo IBGE classifica os evangélicos em dois grandes grupos: os evangélicos de missão (ou tradicionais) e os evangélicos pentecostais. Os dados mostram, também, que o maior crescimento ocorreu entre os evangélicos pentecostais.

Segundo Jacob et al.⁹, o crescimento dos evangélicos pentecostais se constitui no principal fator da diversificação religiosa que vem ocorrendo no Brasil. Esse grupo passou de cerca de 4 milhões em 1980 para 9 milhões em 1991, atingindo 18 milhões em 2000. A distribuição espacial dos evangélicos pentecostais corresponde à distribuição da população total, embora estejam particularmente presentes nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste. Do ponto de vista demográfico, os pentecostais habitam mais as zonas urbanas do que as rurais, congregam mais mulheres do que homens, mais crianças e adolescentes do que adultos, e mais negros (pretos e pardos) e indígenas do que brancos.

Segundo os mesmos autores, o crescimento dos evangélicos de missão (tradicionais) foi menor do que o dos pentecostais. A distribuição espacial desse grupo não corresponde à repartição da população total do país e não acompanha a lógica dos grandes centros urbanos. Existem cinco núcleos com forte presença dos evangélicos de missão: os três principais estão ligados ao processo de colonização e abarcam a região serrana do Espírito Santo, o nordeste de Santa Catarina e o norte do Rio Grande do Sul. Os outros dois núcleos com forte presença são de migração recente: a microrregião de Cacoal, em Rondônia, e a de Japurá, no noroeste do Amazonas. Do ponto de vista demográfico, habitam mais as zonas urbanas, congregam mais mulheres do que homens e mais adultos do que jovens, além de estarem mais representados entre os brancos e os indígenas.

⁹ C. R. JACOB. et al. Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil.

2.3 OS SEM RELIGIÃO

A categoria sem religião abarca aquelas pessoas que dizem explicitamente não ter religião definida. Não significa, em geral, indivíduos ateus ou agnósticos. Até 1970, o número de pessoas nessa categoria representava menos de 1% da população brasileira e cresceu muito nas últimas décadas. A literatura mostra que o fato de uma pessoa se declarar sem religião não significa que ela seja atea. Uma parcela das pessoas sem religião provavelmente acredita em Deus, mas não frequenta nenhuma Igreja, outra parcela é constituída de pessoas que não têm uma religião definida. O importante a destacar é que essa categoria é heterogênea, como destacou Decol¹⁰:

A autodefinição como sem-religião, aliás, também está longe de ser homogênea, podendo significar coisas diferentes em diferentes contextos históricos. No passado, por exemplo, ‘sem-religião’ significava ateísmo, secularismo, oposição ao pensamento religioso. Hoje, porém, pode significar também uma etapa intermediária entre experiências com identidades religiosas diferentes, já que o campo religioso contemporâneo cada vez mais assume o aspecto de um ‘mercado de bens espirituais’, onde os indivíduos fazem escolhas de acordo com critérios pessoais.

Segundo Jacob et al¹¹, a localização da categoria sem religião, em 2000, acompanha a dos principais centros metropolitanos do país, sendo que o Rio de Janeiro aparece em primeiro lugar, seguido por São Paulo, Salvador e Recife. Existe uma forte predominância de homens, crianças, adolescentes e jovens. Existe também uma proximidade espacial entre aqueles que se declaram “sem-religião” e os evangélicos pentecostais. Ou seja, os sem religião crescem onde é grande a concorrência religiosa entre os dois principais grupos, indicando que existe uma população “em disputa” ou, então, uma população “descrente” em denominações religiosas específicas, a despeito das crescentes opções.

3. Tendências históricas e variações regionais

Na segunda metade do século XX, devido ao crescimento demográfico, o Brasil tornou-se, em termos absolutos, o maior país católico do planeta. Até 1950, a Itália era o país com o maior contingente de católicos do globo¹².

No ano de 2011, dos dez países mais populosos do mundo¹³, apenas o Brasil professava de forma majoritária a religião católica apostólica romana. Contudo,

¹⁰ R.D. DECOL, Mudança religiosa no Brasil: uma visão demográfica, p. 122.

¹¹ C. R. JACOB. et al. Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil.

¹² O Brasil e a Itália possuíam uma população ao redor de 50 milhões de habitantes em 1950.

¹³ Segundo o Instituto Population Reference Bureau, os dez países mais populosos do mundo, em 2011, eram a China (1,346 bilhão), Índia (1,241 bilhão), Estados Unidos (312 milhões), Indonésia (238 milhões), Brasil

esse quadro pode mudar nas próximas décadas. Existem autores que tratam explicitamente sobre o fim da hegemonia católica no Brasil¹⁴. Se o Brasil deixar de ser predominantemente católico, o Vaticano vai deixar de ter uma presença majoritária entre os 10 maiores países do mundo e pode perder influência, inclusive, no restante da América Latina.

Os dados do censo demográfico de 1940 mostraram a seguinte distribuição da filiação religiosa no Brasil: 95,2% de católicos, 2,6% de evangélicos, 0,2% de sem-religião e 1,9% de outras religiões. Trinta anos depois, a situação tinha mudado muito pouco, conforme mostra a Tabela 1, que aponta para uma ligeira redução do percentual de católicos e um pequeno crescimento dos outros grupos. A dinâmica das filiações religiosas começou a apresentar rápidas alterações a partir dos anos de 1970, quando todos os grupos religiosos cresceram em termos absolutos, porém, só os católicos decresceram em termos relativos e o grupo das outras religiões permaneceu praticamente constante. A redução percentual dos católicos se acelerou ao longo das três últimas décadas.

O percentual de católicos, que era superior a 90% ao longo do século XX, caiu para menos de 3/4 no ano 2000 e menos de 2/3 em 2010. Se, em 2010, os católicos tivessem o mesmo percentual da população que tinham em 1970, isto representaria 50 milhões de pessoas a mais. Pode-se dizer, então, que esses 50 milhões de pessoas migraram para os demais grupos, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1: População brasileira por grupos religiosos (em mil) e percentagem: 1970-2010.

Religião	1970		1980		1991		2000		2010	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Católicos	85.472	91,8	105.861	89,0	121.813	83,0	124.980	73,6	123.280	64,6
Evangélicos	4.815	5,2	7.886	6,6	13.189	9,0	26.452	15,4	42.275	22,2
Outras	2.146	2,3	3.311	2,8	4.868	3,3	6.215	3,7	9.865	5,2
Sem-religião	702	0,8	1.953	1,6	6.946	4,7	12.492	7,4	15.336	8,0
Total	93.135	100	119.011	100	146.816	100	169.871	100	190.756	100

Fonte: Censos Demográficos de 1970 a 2010 do IBGE.

Obs.: O grupo "outros" inclui os sem declaração.

(194 milhões), Paquistão (177 milhões), Nigéria (162 milhões), Bangladesh (151 milhões), Rússia (143 milhões) e Japão (128 milhões).

¹⁴ P. BIRMAN, M. P. LEITE. O que aconteceu com o antigo maior país católico do mundo?

Na primeira década do século XXI, a perda das filiações católicas aconteceu em termos absolutos, em cerca de 1,5 milhão de pessoas que se declaravam católicas. Além disto, o equivalente a todo o acréscimo demográfico, em torno de 21 milhões de pessoas, foi para os outros grupos religiosos entre 2000 e 2010. Em termos absolutos, os evangélicos se consolidaram no segundo lugar e foi o grupo que se caracterizou pelo maior crescimento, apresentando uma aceleração nas últimas décadas. Entretanto, o grupo sem-religião foi o que deu o maior salto no período, passando de menos de 1% em 1970 para mais de 7% em 2000, chegando a 8% em 2010. Os demais grupos, adeptos de diferentes modalidades religiosas, como Espírita, Umbanda, Candomblé etc., passaram de 2,3% em 1970 para 3,3% em 1991 e 3,7% em 2000. Na primeira década do século XXI, o grupo *outras* chegou a 5,2%, mostrando que o processo de diversificação se amplia no país.

As Tabelas 2 e 3 mostram as filiações religiosas no Brasil de acordo com a situação de domicílio. Os católicos continuam sendo mais representados nas áreas rurais, enquanto os demais grupos possuem uma maior percentagem nas áreas urbanas. Porém, entre 2000 e 2010, a maior queda absoluta dos católicos aconteceu na área rural, uma perda de mais de 3 milhões de pessoas. Os grupos *sem religião* e *outras* ficaram praticamente constantes na área rural, mas os evangélicos foram os únicos que apresentaram um crescimento considerável.

Tabela 2: População do Brasil e percentagem por grupos religiosos e situação de domicílio, 2000.

Categorias	Total	%	Urbana	%	Rural	%
Católicos	124.980.132	100	98.475.959	78,8	26.504.174	21,2
Evangélicos	26.184.941	100	22.736.910	86,8	3.448.031	13,2
Outras	6.215.379	100	5.816.381	93,6	398.999	6,4
Sem-religião	12.492.403	100	10.895.989	87,2	1.596.414	12,8
Total	169.872.856	100	137.925.238	81,2	31.947.618	18,8

Fonte: Censo Demográfico 2000 do IBGE.

Tabela 3: População do Brasil e percentagem por grupos religiosos e situação de domicílio, 2010.

Categorias	Total	%	Urbana	%	Rural	%
Católicos	123.280.172	100	100.055.896	81,16	23.224.277	18,84
Evangélicos	42.275.440	100	37.824.089	89,47	4.451.350	10,53
Outras	9.864.677	100	9.312.113	94,40	552.564	5,60
Sem-religião	15.335.510	100	13.742.551	89,61	1.592.960	10,39
Total	190.755.799	100	160.934.649	84,37	29.821.151	15,63

Fonte: Censo Demográfico 2010 do IBGE.

Em termos de distribuição regional, os católicos apresentam os menores percentuais no Sudeste e no Centro-Oeste e o maior percentual no Nordeste. Os evangélicos apresentam a menor participação no Nordeste e as maiores participações na região Norte, seguida do Centro-Oeste e Sudeste. A maior percentagem de *sem religião* e do grupo *outras* encontra-se no Sudeste.

Tabela 4: População do Brasil e percentagem por grupos religiosos e regiões, 2000.

Regiões	Total	%	Católicos	%	Evangélicos	%	Outras	%	Sem-religião	%
Norte	12.911.170	100	9.201.896	71,3	2.550.483	19,8	309.638	2,4	849.152	6,6
Nordeste	47.782.487	100	38.194.778	79,9	4.903.939	10,3	1.025.884	2,1	3.657.887	7,7
Sudeste	72.430.193	100	50.100.464	69,2	12.685.289	17,5	3.560.318	4,9	6.084.121	8,4
Sul	25.110.348	100	19.438.123	77,4	3.849.565	15,3	834.059	3,3	988.603	3,9
Centro-Oeste	11.638.658	100	8.044.871	69,1	2.195.666	18,9	485.481	4,2	912.640	7,8
Brasil	169.872.856	100	124.980.132	73,6	26.184.941	15,4	6.215.379	3,7	12.492.403	7,4

Fonte: Censo Demográfico 2000 do IBGE.

Tabela 5: População do Brasil e percentagem por grupos religiosos e regiões, 2010.

Regiões	Total	%	Católicos	%	Evangélicos	%	Outras	%	Sem-religião	%
Norte	15.864.454	100	9.614.913	60,6	4.521.971	28,5	498.321	3,1	1.229.249	7,8
Nordeste	53.081.950	100	38.317.276	72,2	8.698.480	16,4	1.666.668	3,1	4.399.526	8,3
Sudeste	80.364.410	100	47.781.673	59,5	19.756.522	24,6	5.623.555	7,0	7.202.661	9,0
Sul	27.386.891	100	19.194.403	70,1	5.527.796	20,2	1.344.057	4,9	1.320.635	4,8
Centro-Oeste	14.058.094	100	8.371.908	59,6	3.770.671	26,8	732.075	5,2	1.183.440	8,4
Brasil	190.755.799	100	123.280.173	64,6	42.275.440	22,2	9.864.676	5,2	15.335.511	8,0

Fonte: Censo Demográfico 2010 do IBGE.

O panorama nacional mostra que o quadro religioso brasileiro está se diversificando e se tornando mais heterogêneo, principalmente na primeira década do terceiro milênio. Contudo, essa maior diversificação deve-se, fundamentalmente, à redução da presença dos católicos, ao grande crescimento dos evangélicos e ao aumento dos *sem-religião* e do percentual de pessoas classificadas como *outras religiões*. Isto fica claro quando se analisa os dados pelas Unidades da Federação. As Tabelas 6 e 7 mostram que o estado do Rio de Janeiro foi o que apresentou os menores percentuais de católicos e os maiores percentuais de *sem religião* e do grupo *outras*, tanto em 2000, quanto em 2010.

Mas os maiores percentuais de evangélicos estavam em Rondônia e Espírito Santo, para ambos os anos censais em questão. O estado do Acre foi o que apresentou a maior queda percentual dos católicos e o maior aumento dos evangélicos entre 2000 e 2010.

Tabela 6: População do Brasil e Unidades da Federação (UF) e percentagem por grupos religiosos, 2000.

Brasil e UF	Total	%	Católicos	%	Evangélicos	%	Outras	%	Sem-religião	%
Brasil	169.872.856	100	124.980.132	73,6	26.184.941	15,4	6.215.379	3,3	12.492.403	7,4
Rondônia	1.380.952	100	793.467	57,5	375.484	27,2	36.575	2,6	175.427	12,7
Acre	557.882	100	379.735	68,1	113.520	20,3	10.536	1,9	54.091	9,7
Amazonas	2.817.252	100	1.995.729	70,8	593.550	21,1	77.622	2,8	150.351	5,3

Roraima	324.397	100	215.566	66,5	72.947	22,5	7.397	2,3	28.487	8,8
Pará	6.195.965	100	4.569.774	73,8	1.119.823	18,1	145.624	2,4	360.745	5,8
Amapá	477.032	100	346.678	72,7	88.560	18,6	14.424	3,0	27.370	5,7
Tocantins	1.157.690	100	900.946	77,8	186.601	16,1	17.462	1,5	52.681	4,6
Maranhão	5.657.552	100	4.648.480	82,2	649.970	11,5	76.425	1,4	282.677	5,0
Piauí	2.843.428	100	2.554.155	89,8	170.918	6,0	31.551	1,1	86.806	3,1
Ceará	7.431.597	100	6.432.000	86,5	612.848	8,2	106.471	1,4	280.280	3,8
Rio Grande Norte	2.777.509	100	2.321.344	83,6	247.755	8,9	41.998	1,5	166.412	6,0
Paraíba	3.444.794	100	2.924.154	84,9	303.151	8,8	40.186	1,2	177.303	5,1
Pernambuco	7.929.154	100	5.908.625	74,5	1.072.504	13,5	197.725	2,5	750.302	9,5
Alagoas	2.827.856	100	2.253.685	79,7	254.601	9,0	42.538	1,5	277.032	9,8
Sergipe	1.784.829	100	1.469.514	82,3	129.796	7,3	39.439	2,2	146.079	8,2
Bahia	13.085.769	100	9.682.822	74,0	1.462.399	11,2	449.552	3,4	1.490.997	11,4
Minas Gerais	17.905.134	100	14.091.479	78,7	2.437.186	13,6	553.614	3,1	822.855	4,6
Espírito Santo	3.097.498	100	1.953.386	63,1	773.129	25,0	73.390	2,4	297.594	9,6
Rio de Janeiro	14.392.106	100	8.016.396	55,7	3.163.742	22,0	943.951	6,6	2.268.018	15,8
São Paulo	37.035.456	100	26.039.203	70,3	6.311.233	17,0	1.989.364	5,4	2.695.655	7,3
Paraná	9.564.643	100	7.326.862	76,6	1.590.378	16,6	242.824	2,5	404.578	4,2
Santa Catarina	5.357.864	100	4.325.029	80,7	802.395	15,0	124.756	2,3	105.684	2,0
Rio Grande do Sul	10.187.842	100	7.786.231	76,4	1.456.791	14,3	466.478	4,6	478.341	4,7
Mato Grosso do Sul	2.078.070	100	1.444.579	69,5	378.653	18,2	89.045	4,3	165.792	8,0
Mato Grosso	2.505.245	100	1.837.724	73,4	418.149	16,7	74.390	3,0	174.982	7,0
Goiás	5.004.197	100	3.405.443	68,1	998.802	20,0	205.351	4,1	394.601	7,9
Distrito Federal	2.051.146	100	1.357.125	66,2	400.061	19,5	116.695	5,7	177.266	8,6

Fonte: Censo Demográfico 2000 do IBGE.

Tabela 7: População do Brasil e Unidades da Federação (UF) e percentagem por grupos religiosos, 2010.

Brasil e UF	Total	%	Católicos	%	Evangélicos	%	Outras	%	Sem-religião	%
Brasil	190.755.799	100	123.280.172	64,6	42.275.440	22,2	9.864.677	5,2	15.335.510	8,0
Rondônia	1.562.409	100	742.950	47,6	528.150	33,8	67.197	4,3	224.111	14,3
Acre	733.559	100	381.007	51,9	239.589	32,7	25.599	3,5	87.364	11,9
Amazonas	3.483.985	100	2.071.453	59,5	1.085.480	31,2	117.100	3,4	209.952	6,0
Roraima	450.479	100	221.379	49,1	136.480	30,3	34.140	7,6	58.480	13,0
Pará	7.581.051	100	4.828.198	63,7	2.026.332	26,7	198.274	2,6	528.247	7,0
Amapá	669.526	100	425.459	63,6	187.163	28,0	18.116	2,7	38.787	5,8
Tocantins	1.383.445	100	944.467	68,3	318.776	23,0	37.895	2,7	82.307	6,0
Maranhão	6.574.789	100	4.899.250	74,5	1.130.399	17,2	113.992	1,7	431.148	6,6
Piauí	3.118.360	100	2.653.135	85,1	302.982	9,7	55.521	1,8	106.722	3,4
Ceará	8.452.381	100	6.663.512	78,8	1.236.435	14,6	190.615	2,3	361.819	4,3
Rio Grande Norte	3.168.027	100	2.406.313	76,0	487.948	15,4	70.710	2,2	203.055	6,4
Paraíba	3.766.528	100	2.898.656	77,0	571.015	15,2	83.643	2,2	213.214	5,7
Pernambuco	8.796.448	100	5.801.397	66,0	1.788.973	20,3	291.124	3,3	914.954	10,4
Alagoas	3.120.494	100	2.256.919	72,3	496.472	15,9	64.894	2,1	302.209	9,7
Sergipe	2.068.017	100	1.579.480	76,4	243.330	11,8	67.587	3,3	177.620	8,6
Bahia	14.016.906	100	9.158.613	65,3	2.440.925	17,4	728.582	5,2	1.688.785	12,1
Minas Gerais	19.597.330	100	13.802.790	70,4	3.957.520	20,2	850.394	4,3	986.626	5,0
Espírito Santo	3.514.952	100	1.873.280	53,3	1.164.242	33,1	112.961	3,2	364.469	10,4
Rio de Janeiro	15.989.929	100	7.324.315	45,8	4.696.906	29,4	1.475.005	9,2	2.493.704	15,6
São Paulo	41.262.199	100	24.781.288	60,1	9.937.853	24,1	3.185.195	7,7	3.357.862	8,1
Paraná	10.444.526	100	7.268.935	69,6	2.316.213	22,2	374.292	3,6	485.086	4,6
Santa Catarina	6.248.436	100	4.565.793	73,1	1.252.495	20,0	225.728	3,6	204.421	3,3
Rio Grande do Sul	10.693.929	100	7.359.675	68,8	1.959.088	18,3	744.038	7,0	631.128	5,9
Mato Grosso do Sul	2.449.024	100	1.455.323	59,4	648.831	26,5	119.086	4,9	225.784	9,2
Mato Grosso	3.035.122	100	1.925.472	63,4	745.178	24,6	130.258	4,3	234.214	7,7
Goiás	6.003.788	100	3.535.980	58,9	1.685.680	28,1	295.214	4,9	486.914	8,1
Distrito Federal	2.570.160	100	1.455.134	56,6	690.982	26,9	187.517	7,3	236.528	9,2

Fonte: Censo Demográfico 2010 do IBGE.

Quando se compara os dados de 2000 e 2010 segundo as Unidades da Federação (UF), observa-se que os estados com maior diversidade nas filiações religiosas são aqueles que apresentaram maior queda no número de católicos. Isto sugere que não existe um patamar mínimo para a queda do grupo hegemônico. Por exemplo, o estado do Rio de Janeiro já tinha um percentual baixo de católicos em 2000 (55,7%) e caiu para 45,8% em 2010. Já o Piauí tinha um percentual de católicos de 89,8% em 2000 e caiu para 85,1% em 2010. Desta forma, os dados sugerem uma leitura que permite supor que os estados *atrasados* no processo de mudança devem seguir o padrão daqueles que estão mais *avançados*. Ou seja, está havendo um processo de convergência para a pluralidade.

Como vimos, o estado do Rio de Janeiro tem antecipado as tendências nacionais e mantido uma dianteira em relação aos outros estados no que diz respeito à pluralidade religiosa. A Tabela 8 mostra que o colar da Região Metropolitana do Rio de Janeiro - CRMRJ (Região Metropolitana do Rio de Janeiro – RMRJ - menos a cidade do Rio de Janeiro - CRJ) está algo entre 20 e 30 anos à frente das tendências nacionais. Em 1991, os católicos eram 83% no Brasil, 70% na cidade do Rio de Janeiro e 61,2% no colar da RMRJ (diferença de cerca de 22%); em 2000, os católicos eram 74% no Brasil, 61,1% na cidade do Rio de Janeiro e 47,2% na CRMRJ (diferença de 26%); em 2010, os católicos eram 65% em 2010, 51% na CRJ e 39% na CRMRJ (diferença de 26%).

Tabela 8: Percentagem dos grupos religiosos para Brasil, Cidade do Rio de Janeiro (CRJ) e o Colar da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (CRMRJ), 1991, 2000 e 2010.

Religião	1991			2000			2010		
	Brasil	CRJ	CRMRJ	Brasil	CRJ	CRMRJ	Brasil	CRJ	CRMRJ
Católicos	83,0	69,8	61,2	73,9	61,1	47,2	64,6	51,1	38,7
Evangélicos	9,0	10,3	15,5	15,4	17,7	27,1	22,2	23,4	34,1
Sem-religião	4,7	11,5	18,2	7,4	13,3	20,6	8,0	13,6	19,1
Outros	3,3	8,4	5,1	3,3	7,9	5,1	5,2	12,0	8,1
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 do IBGE.

Ou seja, a percentagem de católicos no Brasil em 2010 era aproximadamente o que era na CRMRJ em 1991. Isto quer dizer que, mantidas as tendências atuais, até 2030, as filiações católicas serão menos de 50% da população brasileira e, até 2040, deverá haver empate entre as filiações de católicos e evangélicos no Brasil.

Em termos de cor, os católicos possuem uma percentagem um pouco maior do que a média nacional entre a população branca. Entre a população parda, o percentual de católicos é semelhante ao total da população. Entre a população amarela, o percentual de católicos é menor e o percentual de religiões orientais é maior. A menor percentagem de católicos está entre a população indígena. Os evangélicos, mesmo sendo o segundo maior grupo, possuem maior percentagem entre os indígenas e entre as pessoas autodenominadas pretas.

Tabela 9: Percentagem da população do Brasil por grupos religiosos e cor, 2000 e 2010.

Categorias	2000					2010				
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
Católica	74,9	69,6	64,1	73,5	59,5	66,4	58,2	59,9	64,1	50,7
Evangélicas	15,2	15,9	8,4	15,7	20,0	20,8	24,1	19,6	23,3	25,5
Outras	3,8	3,5	17,0	2,3	6,1	6,1	5,9	9,8	3,9	9,4
Sem-religião	6,1	11,0	10,5	8,4	14,4	6,7	11,8	10,7	8,7	14,5
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

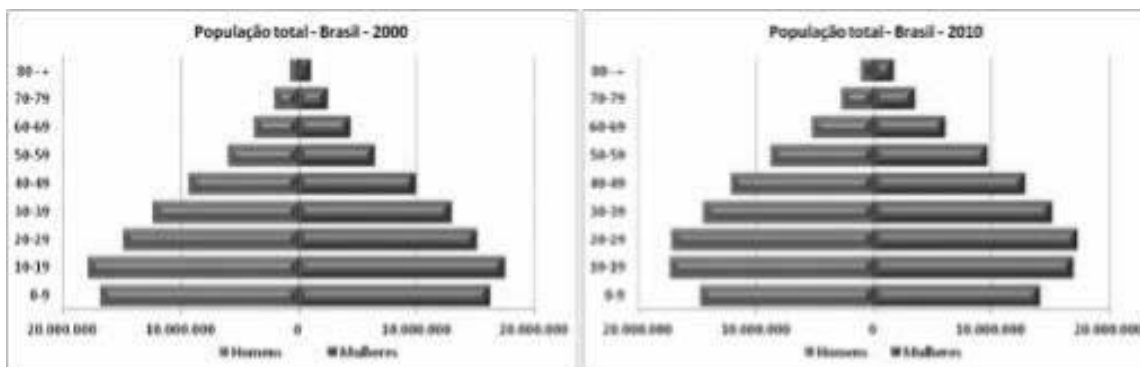
Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE.

4. A distribuição segundo sexo e idade, por religião, no Brasil

O Gráfico 1 mostra a pirâmide populacional da população brasileira para os anos de 2000 e 2010. Nota-se certo equilíbrio entre o lado masculino e feminino do topo até o meio da pirâmide, e uma redução do grupo etário 0 a 10 anos devido ao processo de queda da fecundidade no Brasil. Existe um superávit feminino na população brasileira (de cerca de 4 milhões de mulheres em 2010), que cresce na medida em que se sobe ao longo do eixo da idade. Este fato mostra a importância de se levar em conta as diferenças de gênero e a dinâmica das religiões¹⁵.

¹⁵ Maria J. ROSADO, O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões.

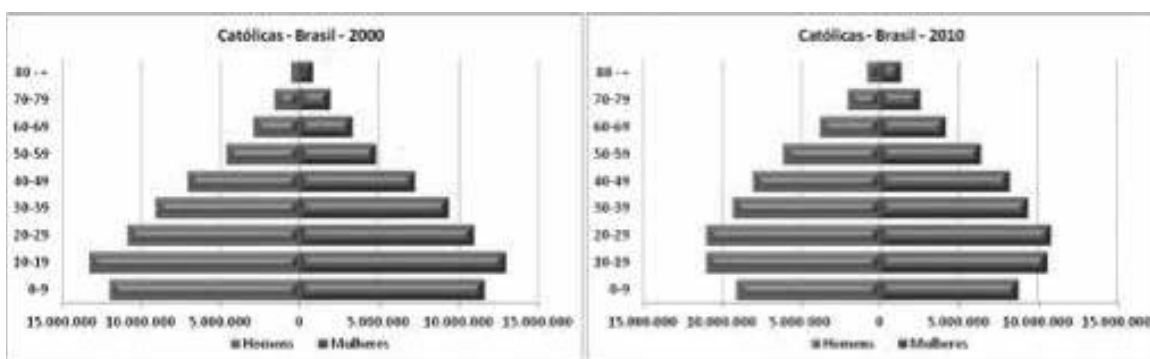
Gráfico 1: Distribuição por sexo e idade da população brasileira total, 2000 e 2010.



Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE.

O Gráfico 2 mostra a pirâmide para o conjunto da população católica do Brasil, em 2000 e 2010. A pirâmide dos católicos é muito parecida com a pirâmide da população brasileira.

Gráfico 2: Distribuição por sexo e idade das filiações católicas, Brasil: 2000 e 2010.

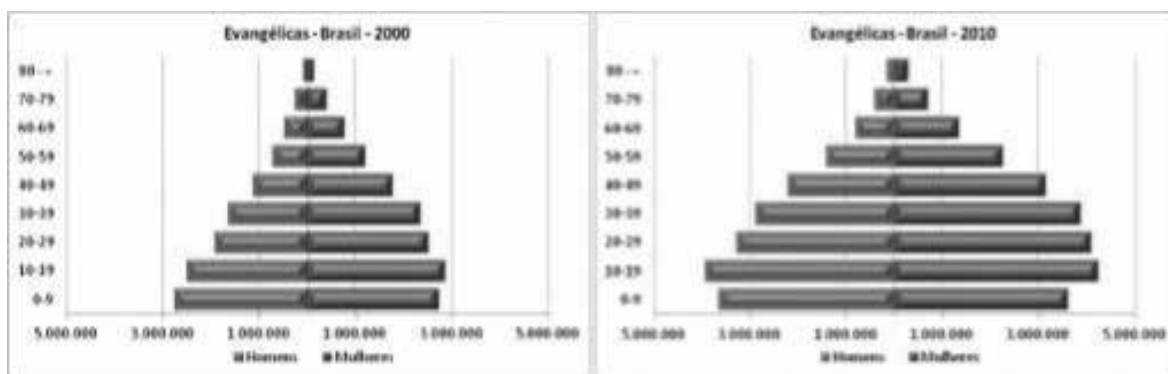


Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE.

O Gráfico 3 mostra a pirâmide populacional das filiações evangélicas para os anos de 2000 e 2010. Nota-se uma presença maior de mulheres, crianças e jovens. Nesse caso, não se observa uma queda grande no grupo etário 0 a 10 anos (especialmente no lado masculino), mostrando que é uma população que estava atrasada no processo de queda da fecundidade no ano 2000. O importante a notar é que a população evangélica brasileira tem uma maior proporção de mulheres e jovens (indicando maiores taxas de fecundidade) e menor proporção de idosos na

população. Isto quer dizer que apenas pelo efeito da inércia demográfica haverá crescimento da população evangélica. Se ainda houver conversão de fiéis de outras denominações, então o crescimento será maior ainda. O fato de ter maior presença entre mulheres e jovens representa uma vantagem comparativa dos evangélicos (especialmente pentecostais) no Brasil.

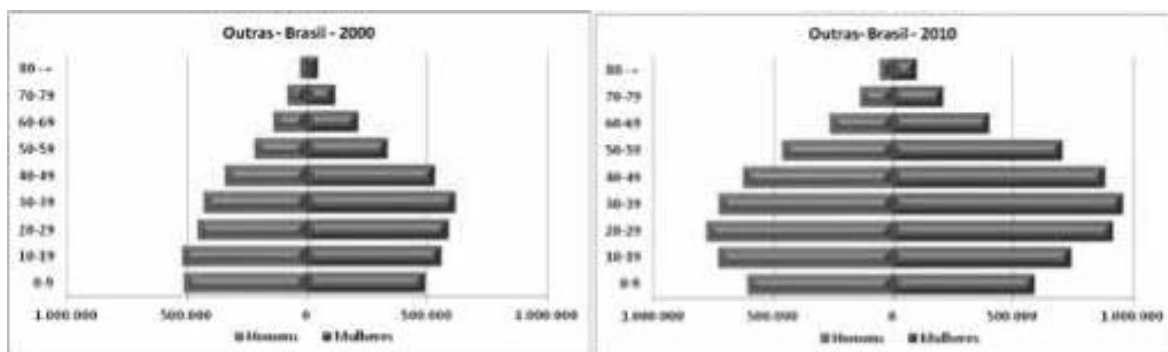
Gráfico 3: Distribuição por sexo e idade das filiações evangélicas, Brasil: 2000 e 2010.



Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE.

O Gráfico 4 mostra a pirâmide populacional das filiações da categoria *outras* para os anos de 2000 e 2010. Nota-se uma presença ainda maior de mulheres, mas não de crianças e jovens. Ao contrário, a categoria *outras* possui uma maior presença de adultos e idosos. Isto é mais acentuado nas religiões espíritas.

Gráfico 4: Distribuição por sexo e idade das filiações da categoria "outras", Brasil: 2000 e 2010.

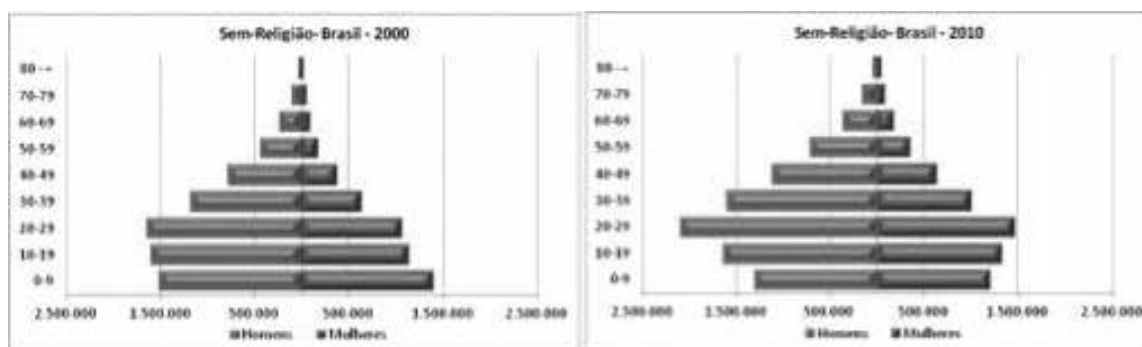


Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE.

O Gráfico 5 mostra a pirâmide populacional das filiações da categoria *sem-religião* para os anos de 2000 e 2010. Ao contrário de todas as outras, nota-se uma presença muito maior de homens e jovens. Isto se deve ao fato de os homens

frequentarem menos as igrejas no Brasil (ao contrário do que é visto no mundo muçulmano, onde só os homens podem frequentar todos os cultos das mesquitas) e a maior presença de jovens se deve aqueles que não possuem religião definida. Nota-se também que a presença de idosos é muito pequena, sinalizando o fato que as pessoas, na medida em que vão envelhecendo, tendem a escolher uma religião, especialmente nas idades em que é maior a probabilidade de morte. Pouquíssimas mulheres idosas se declaram sem religião.

Gráfico 5: Distribuição por sexo e idade das filiações da categoria "sem-religião", Brasil: 2000 e 2010.



Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE.

A Tabela 10 mostra a razão de sexo para os grupos religiosos. Nota-se que os católicos possuem uma proporção de mulheres semelhante à da população brasileira. Mas os evangélicos e as *outras* filiações possuem uma presença muito maior de mulheres. A razão de sexo indica que os evangélicos possuem apenas 77,6 homens para cada 100 mulheres e o grupo *outras* possui 75,7 homens para cada 100 mulheres. Já para os *sem-religião* a situação é oposta, pois existem muito mais homens, isto é, 152,3 homens para cada 100 mulheres.

Tabela 10: População do Brasil e percentagem por grupos religiosos e razão de sexo (RS), 2000 e 2010.

Categorias	2000			2010		
	Homens	Mulheres	RS	Homens	Mulheres	RS
Católicos	62.171.584	63.347.189	98,1	61.180.316	62.099.856	98,5
Evangélicos	11.444.063	14.740.878	77,6	18.782.831	23.492.609	80,0
Outras	2.445.988	3.230.751	75,7	4.361.337	5.503.340	79,2
Sem-religião	7.540.682	4.951.721	152,3	9.082.507	6.253.004	145,3
Total	83.602.317	86.270.539	96,9	93.406.991	97.348.809	96,0

Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE.

A Tabela 11 mostra que os católicos e *outras* estão mais proporcionalmente distribuídas no grupo idoso (60 anos e mais), enquanto os evangélicos estão mais concentrados nas crianças e jovens – especialmente mulheres, e os *sem-religião* estão mais concentrados nas crianças do sexo masculino.

Tabela 11: Percentagem total, crianças 0-9 anos e idosos (60 - +) por filiações religiosas, Brasil, 2000 e 2010.

Categorias	2000			2010		
	Total	0-9 anos	60 anos e +	Total	0-9 anos	60 anos e +
Católicos	73,9	71,5	77,1	64,6	62,0	71,7
Evangélicos	15,4	16,6	14,8	22,2	25,2	18,3
Outras	3,3	3,04	4,32	5,2	4,1	5,6
Sem-religião	7,4	8,8	3,8	8,0	8,7	4,3
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE.

A Tabela 12 mostra que em 2010, entre a população católica, as mulheres de 0-49 anos de idade constituem 38,6% das filiações, sendo que este número sobre para 44,7% entre os evangélicos. Isto quer dizer que a população evangélica tende a crescer em maior ritmo, pois possuem mais mulheres em idade reprodutiva e mais meninas que vão entrar no período reprodutivo. Os evangélicos também possuem, na média, maior descendência. Portanto, apenas pelo efeito demográfico é possível prever um maior crescimento dos evangélicos, desde que os filhos sigam as tendências dos pais.

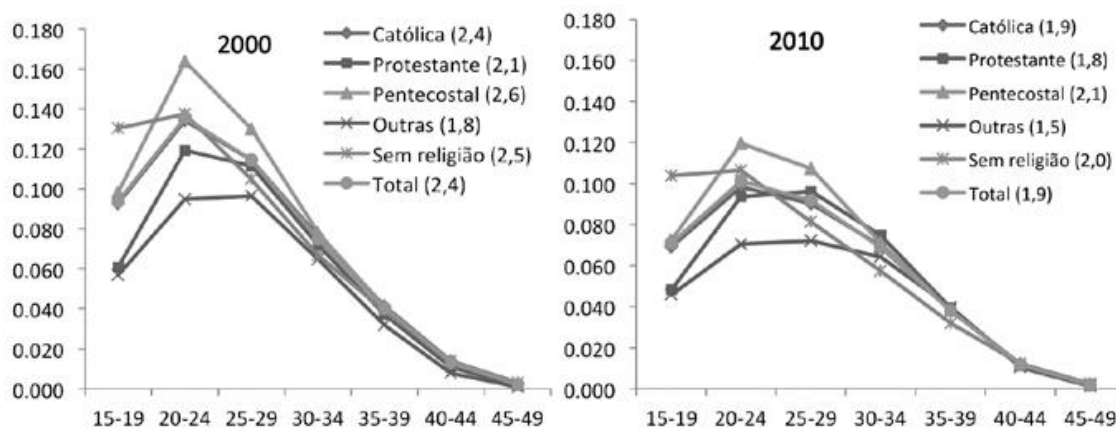
Tabela 12: Percentagem de população feminina de 0-49 anos, por filiação religiosa, Brasil, 2000 e 2010.

Categorias	2000	2010
Católicos	41,7	38,6
Evangélicos	46,9	44,7
Outros	42,9	41,4
Sem-religião	36,8	36,6
Total	42,2	40,0

Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE.

A combinação de maior número de mulheres jovens e no período reprodutivo, com maiores taxas de fecundidade, significa que o número de filhos das famílias que se declaram evangélicas vai crescer em ritmo mais rápido do que das famílias católicas. A taxa de fecundidade total (TFT) do Brasil era de 2,4 filhos por mulher em 2000 e passou para 1,9 filho por mulher em 2010. As mulheres que se declaram católicas tinham exatamente as mesmas taxas da população brasileira como um todo. A TFT das mulheres evangélicas pentecostais era de 2,6 filhos em 2000 e passou para 2,1 filhos em 2010, conforme mostra o gráfico 06. Portanto, houve queda geral, mas as mulheres adeptas das correntes pentecostais mantiveram uma taxa um pouco mais elevada. Provavelmente isto aconteça devido às características socioeconômicas dessas mulheres. Já as mulheres evangélicas de missão (protestantes), que em geral possuem maior renda e maiores níveis educacionais, tinham taxas de fecundidade abaixo das mulheres católicas. O processo de transição da fecundidade continua para todos os segmentos da população, mas o número de filhos ainda é maior nas camadas mais pobres. No grupo 15-19 anos, a taxa de fecundidade específica é maior entre os sem religião. Mas, nos grupos 20-24 e 25-29 anos, se destaca a maior fecundidade pentecostal.

Gráfico 06: Taxas de fecundidade específicas, segundo filiações religiosas, Brasil, 2000 e 2010.



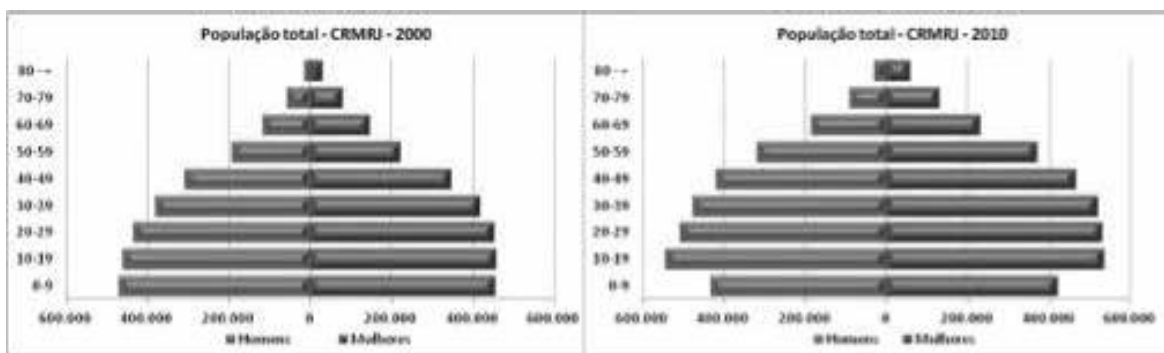
Fonte: Censos demográficos de 1991 e 2000 do IBGE.

4. A distribuição segundo sexo e idade da população, por religião, no colar da região metropolitana do rio de janeiro (CRMJR)

O Gráfico 7 mostra a distribuição por sexo e idade da população total do colar da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (CRMJR) nos anos 2000 e

2010. Ou seja, em todos os municípios da RMRJ menos a capital. Nota-se que a base da pirâmide, em 2000, não apresentava a redução observada na população brasileira. Isto porque o processo de queda da fecundidade foi menos veloz nessa região. Em 2010 já se nota a redução absoluta do grupo 0-9 anos, mas em ritmo um pouco menor do que o nacional.

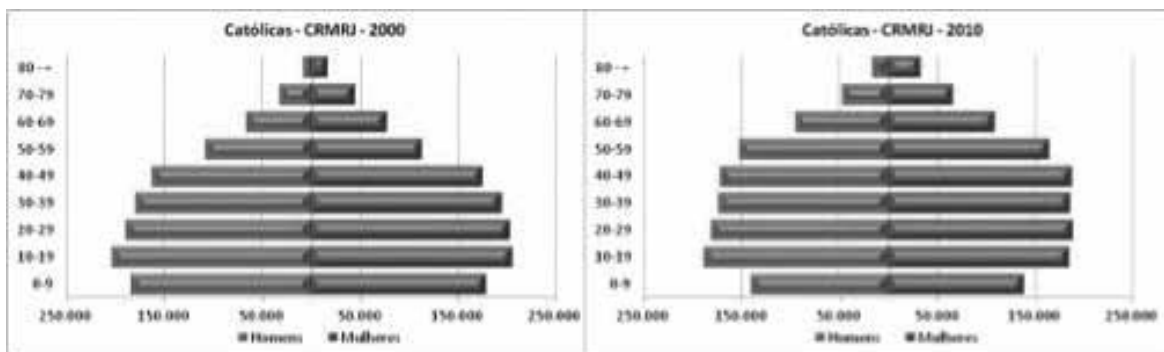
Gráfico 7: Distribuição por sexo e idade da população total do CRMJ, 2000 e 2010.



Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE.

Mas o Gráfico 8 mostra que a população católica do CRMJ já apresentava uma redução do grupo etário 0-9 anos de idade, em 2000, além de um certo equilíbrio na razão de sexo. Em 2010, a queda do grupo de crianças foi um pouco mais acelerada.

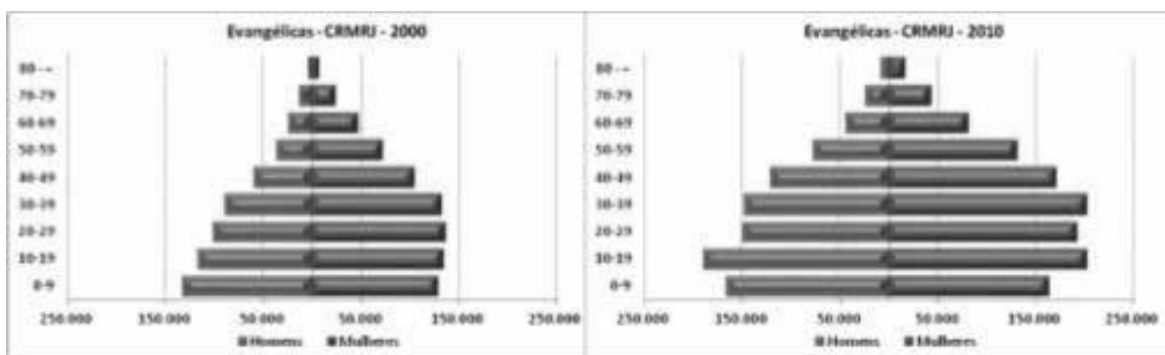
Gráfico 8: Distribuição por sexo e idade das filiações católicas do CRMJ, 2000 e 2010.



Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE.

O Gráfico 9 mostra que os evangélicos, assim como no restante do Brasil, possuem uma distribuição por sexo e idade com maior peso entre mulheres, crianças e jovens, também na CRMJR. A pirâmide do ano 2010 mostra que o processo de transição da fecundidade está acontecendo também entre os evangélicos, mas com um certo atraso em relação à média brasileira.

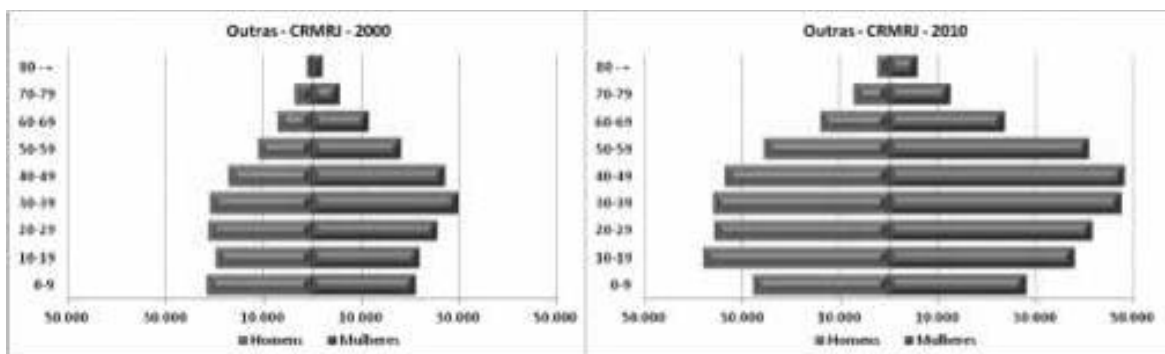
Gráfico 9: Distribuição por sexo e idade das filiações evangélicas do CRMJR, 2000 e 2010.



Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE.

O Gráfico 10 mostra a distribuição da categoria *outras*. Nota-se uma maior presença de mulheres entre 30 e 49 anos e também na chamada *terceira idade*.

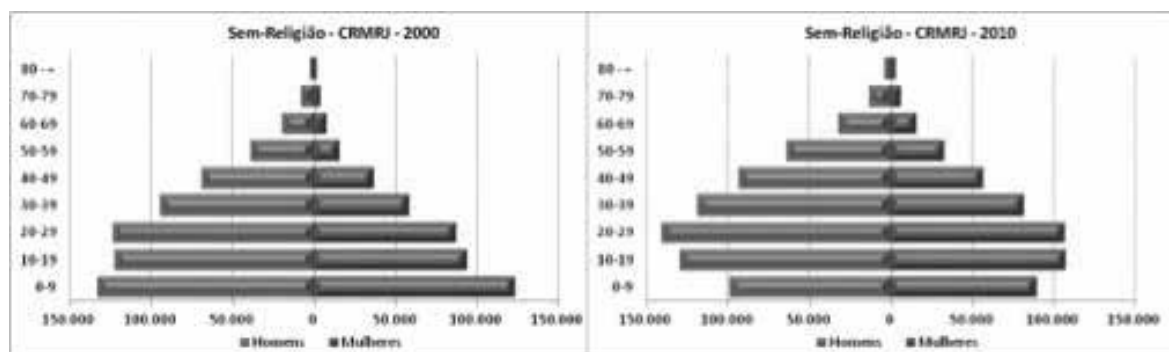
Gráfico 10: Distribuição por sexo e idade das filiações da categoria outras do CRMJR, 2000 e 2010.



Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE.

Já o Gráfico 11 mostra a distribuição da população da categoria *sem-religião*, que tem a maior presença de homens, crianças e jovens, o que, neste aspecto, a CRMJR não difere muito das características dos mesmos grupos religiosos nacionais.

Gráfico 11: Distribuição por sexo e idade das filiações da categoria sem-religião do CRMJR , 2000 e 2010.



Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE.

A grande diferença do CRMJR em relação ao conjunto do Brasil é que a presença dos evangélicos é muito maior, especialmente na população de zero a 10 anos de idade, conforme mostra a Tabela 13. Já no ano 2000 os católicos representavam menos de 50% da população total e apenas 39,3% entre o grupo etário 0-10 anos. Os evangélicos chegavam em 28,3% entre o grupo 0-10 anos. A grande novidade é que no ano 2010 os evangélicos passaram os católicos no grupo etário 0-9 anos (38,8% contra 32,6%), no CRMJR. Os dados também mostram (mas não estão na Tabela) que os evangélicos são maioria entre as mulheres de 0-39 anos no CRMJR, ou seja, são maioria entre as mulheres no período reprodutivo.

Tabela 13: Percentagem total, crianças 0-9 anos e idosos (60 - +) por filiações religiosas, Colar da Região Metropolitana do Rio, 2000 e 2010.

Categorias	2000			2010		
	Total	0-9 anos	60 anos e +	Total	0-9 anos	60 anos e +
Católicos	46,6	39,3	55,8	38,7	32,6	84,1
Evangélicos	27,1	28,3	27,4	34,1	38,8	47,1
Outros	5,7	4,6	7	8,1	6,6	1,0
Sem-religião	20,7	27,8	9,9	19,1	22,1	19,5
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 do IBGE.

A Tabela 14 resume as informações por níveis geográficos. Nota-se que o processo de declínio dos católicos e o crescimento dos evangélicos e dos *sem-religião* é comum em todos os níveis geográficos.

Tabela 14: Percentagem da população do Brasil, Estado do Rio de Janeiro (ERJ), Cidade do Rio de Janeiro (CRJ) e Colar da Região Metropolitana do RJ (CRMJR), por religião, 1991 e 2000.

Religião	1991				2000				2010			
	Brasil	ERJ	CRJ	CRMJR	Brasil	ERJ	CRJ	CRMJR	Brasil	ERJ	CRJ	CRMJR
Católicos	83,0	67,3	69,8	61,2	73,9	55,7	61,1	47,2	64,6	45,8	51,1	38,7
Evangélicos	9,0	12,7	10,3	15,5	15,4	22,0	17,7	27,1	22,2	29,4	23,4	34,1
Sem-religião	4,7	13,7	11,5	18,2	7,4	15,8	13,3	20,6	8,0	9,2	13,6	19,1
Outros	3,3	6,3	8,4	5,1	3,3	6,5	7,9	5,1	5,2	15,6	12,0	8,1
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 do IBGE.

O padrão é muito semelhante, mas a diferença de nível é grande. Podemos dizer que a cidade do Rio de Janeiro está adiantada em relação à média brasileira em cerca de 20 anos, o Estado do Rio de Janeiro está 25 anos na frente e o colar da RMRJ está à frente do Brasil em torno de 30 anos.

Portanto, se o Rio de Janeiro e, em especial, o colar da RMRJ forem realmente pioneiros do processo de transformação religiosa no Brasil – e não exceções – já se pode prever um empate entre católicos e evangélicos no Brasil na década de 2030. Os evangélicos, entre a população total, deverão ultrapassar os católicos na CRMJR na corrente década, pois entre as crianças e jovens a ultrapassagem já ocorreu.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação dos católicos na população passou de 99,7% no primeiro censo brasileiro, em 1872, para 95% em 1940 e para 91,8% em 1970. Analisando estes dados, nos anos de 1970, o sociólogo Cândido Procópio Ferreira de Camargo¹⁶ já falava em *catolicismo em declínio*. Trinta anos depois, Flávio Pierucci¹⁷, que iniciou seus estudos com Camargo, mostrou que estas tendências se aceleraram:

¹⁶ Cândido, P.F. CAMARGO, Igreja e desenvolvimento.

¹⁷ PIERUCCI, A.F. “Bye bye, Brasil” - O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000, pp. 19 e 21.

More of the same, portanto: o catolicismo em declínio, os pentecostais e os sem religião em escalada. A diferença é que essas curvas agora se desenham de forma bem mais pronunciada, o ritmo ficou mais acelerado [...]. Mais um capítulo, por conseguinte, apenas mais agitado, dessa interminável novela que já dura quase setenta anos. Mas não ainda o capítulo decisivo, ainda não. Para frustração de todos os que esperavam lances mais emocionantes, a nova cara religiosa do País ainda não veio à luz, a grande virada protestante ainda não se consumou, embora continue objetivamente prometida pela seqüência dos dados, pela constância das tendências, pelas projeções mais conservadoras.

Contudo, a curiosidade geral é saber quando vai surgir *a nova cara religiosa do País*. Mas, antes, é preciso saber se essa nova característica religiosa vai realmente emergir, pois o futuro é incerto e, inclusive, existem autores que escreveram sobre a interrupção das tendências históricas, como no seguinte estudo de Marcelo Neri¹⁸, da Fundação Getúlio Vargas, que fala em estabilidade nos percentuais:

A taxa de participação dos católicos no país, que já vinha caindo desde os primeiros registros censitários brasileiros de 1872, passa a cair a taxas aceleradas nos anos 90 – atingindo mais de 1 ponto percentual por ano – reduzindo-se de 83,3% em 1991 para 73,89% em 2000. O trabalho atual demonstra, a partir do processamento de microdados de alta qualidade estatística produzidos pelo IBGE, que pela primeira vez em mais de um século a proporção de católicos no Brasil parou de cair, mantendo-se surpreendentemente estável no primeiro quarto de década, com 73,79% em 2003.

Contudo, outras pesquisas do IBGE e de outros institutos realizadas ao longo da década passada, mostraram a continuidade das tendências históricas de declínio dos católicos e de aumento dos evangélicos e das pessoas que se declaram sem-religião. A Pesquisa de Orçamentos Familiares – POF/2009, indicou uma taxa de participação de 68,4% para os católicos, representando 130 milhões de pessoas. Ou seja, pelos dados da POF/2009, os católicos continuavam crescendo em termos absolutos e diminuindo em termos relativos. Pesquisa do Instituto Ceris mostrou uma percentagem menor de católicos. Porém, são os dados do censo 2010 que mostram o grau de mudanças ocorrido.

O Rio de Janeiro é um estado que dita várias tendências sócio-demográficas no Brasil. Por exemplo, é o Estado mais urbanizado, mais metropolizado, mais

¹⁸ MARCELO NERI. Economia das religiões, p. 4.

envelhecido e com as menores taxas de fecundidade do país. Também é o Estado que tem apresentado a menor percentagem de filiações católicas, a mais elevada percentagem de sem-religião e a maior diversidade religiosa. No estado fluminense, o colar da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) – com cerca de 6 milhões de habitantes (equivalente ao 12º estado brasileiro) – é o local onde há o maior aprofundamento das tendências gerais das mudanças religiosas. Os dados do censo mostraram uma situação de *empate técnico* entre católicos e evangélicos e uma maioria de evangélicos entre crianças, jovens e mulheres no período reprodutivo (até 39 anos) no CRMRJ no ano 2010.

Como podemos interpretar essa novidade no colar da Região Metropolitana do Rio de Janeiro? Exceção ou uma dianteira do processo de mudança? O Brasil vai seguir as tendências do CRMRJ?

Se o ritmo de mudanças das últimas décadas se mantiver, não é difícil imaginar que, para o Brasil como um todo, os católicos devem ficar abaixo de 50% nos próximos 20 anos, devendo haver empate entre católicos e evangélicos até 2040. Evidentemente, toda projeção está sujeita a inúmeras variáveis de influência e pode haver novidades ou mudanças de tendências. Mas os dados socio-demográficos reforçam a perspectiva de mudança na hegemonia religiosa no Brasil, já que os evangélicos estão melhor posicionados entre as mulheres, os jovens, a população urbana e entre as pessoas que se declaram pretas e pardas (que mais crescem no país). O Brasil está ficando mais urbano, mais feminino, mais miscigenado (com crescimento das populações que se declaram preta e parda), com maiores níveis educacionais e mais de *classe média*, em termos de rendimento¹⁹. São nos colares metropolitanos onde se concentram o maior percentual de imigrantes e da população mais pobre (que possui maiores taxas de fecundidade). Em todos esses pontos, os evangélicos levam vantagem sobre os católicos.

Além do crescimento vegetativo da população, existe o processo de migração religiosa provocado pela disputa nos campos das crenças e pelo processo de conversão. Uma vantagem dos evangélicos é que, por meio dos diversos grupos, eles cobrem um espectro mais amplo da demanda do mercado religioso. Os evangélicos de missão – ou protestantes tradicionais – possuem maior percentagem de pessoas com alta renda e alta escolaridade. Já os evangélicos pentecostais cobrem um leque mais amplo e disputam tanto as camadas populares quanto a chamada *nova classe média brasileira*. Existem evangélicos para todos os gostos e eles são

¹⁹ J.E.D. ALVES, As transições da população brasileira.

capazes de customizar (adaptar para atender a demanda de grupos específicos de indivíduos) a mensagem de fé para diferentes segmentos da população.

Por meio da *cura pela fé*, da *teologia da prosperidade*, das obras sociais e de ajuda para os filiados e para a população pobre ou em vulnerabilidade social, e com o uso generalizado da mídia e da música (até a Rede Globo se rendeu aos Festivais Gospels), os evangélicos vão expandindo seus terrenos. Eles têm se lançado com mais firmeza no mercado religioso e se preparam para competir com outras correntes religiosas na disputa de devotos, por espaço e legitimidade. Inclusive atuam de maneira mais enfática na representação política em suas diversas esferas. Também são mais eficientes na rápida formação de seus pastores e lideram na abertura de templos.

Na década de 1990, o processo de difusão das filiações evangélicas, especialmente dos pentecostais, pode ser descrito como um avanço que se deu, prioritariamente, tanto nos estratos sociais menos privilegiados quanto nas periferias das cidades, nas regiões urbanas, entre as mulheres, a população negra (preta + parda), as pessoas de nível educacional baixo ou médio, bem como entre os jovens. Desta forma, pode-se dizer, grosso modo, que o Brasil vem passando por um processo de mudança religiosa e cultural, com difusão da mensagem evangélica que acontece de baixo para cima, em termos sociais, da periferia para o centro, em termos espaciais, do meio urbano para o rural em termos de situação do domicílio, dos negros para os brancos, em termos étnico-raciais, dos jovens para os idosos, em termos de geração, e das mulheres para os homens, em termos de gênero. Na década passada houve também um crescimento dos evangélicos entre a *nova classe média* emergente. A teologia da prosperidade tem atendido melhor as expectativas de consumo e os interesses egoísticos das diferentes camadas sociais.

Frigerio²⁰, com base nas escolhas racionais, considera que os indivíduos optam, sem grandes custos sociais, pela religião que querem seguir, adotando certo tipo de compromisso e por um certo lapso de tempo. Entre os evangélicos tem crescido, inclusive, aqueles que não frequentam regularmente os cultos. Surgem, portanto, os evangélicos não praticantes ou *Believing without belonging* (crer sem pertencer), na expressão da socióloga Grace Davie para o esvaziamento das igrejas.

O fato é que, racionalmente ou não, o Brasil está passando por um processo de mudança na hegemonia entre grupos religiosos e pelo crescimento do número de pessoas que se declaram sem religião. De certa forma, a maior pluralidade religiosa

²⁰ ALEJANDRO FRIGERIO, O paradigma da escolha racional: mercado regulado e pluralismo religioso.

(incluindo os sem religião) tem sido compatível com o fato de que, no Brasil, o sagrado está cada vez mais comercializado e dessacralizado. Qual o efeito que isto vai ter sobre o país (e até sobre a América Latina) ainda será objeto de muitos estudos. Este texto objetivou apenas descrever e prever algumas tendências. Mas estudos mais aprofundados precisam ser feitos para detalhar melhor esta cartografia das filiações religiosas, assim como um certo processo de desencantamento do Brasil.

7. BIBLIOGRAFIA

- ALVES, J.E.D. *As transições da população brasileira*. Scribd. 2011.
- _____; NOVELLINO, M. S. F. A dinâmica das filiações religiosas no Rio de Janeiro: 1991-2000, Um recorte por Educação, Cor, Geração e Gênero. In: Patarra, Neide; Ajara, Cesar; Souto, Jane. (Org.). *A ENCE aos 50 anos, um olhar sobre o Rio de Janeiro*. RJ, ENCE/IBGE, 2006, v. 1, pp. 275-308.
- BIRMAN, P., LEITE, M. P. O que aconteceu com o antigo maior país católico do mundo? In:
- BETHELL, L. (ed.): *Brasil: fardo do passado, promessa do futuro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002, pp. 323-348.
- BRANDÃO, Carlos R. Ser católico: dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião. In: SACHS, V. et al. *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*, Rio de Janeiro, Graal, 1988, pp.27-58
- CAMARGO, Cândido, P.F. *Igreja e desenvolvimento*. CEBRAP, São Paulo, 1971.
- CAMARGO, Candido P. Ferreira (org.). *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- DECOL, R.D. Mudança religiosa no Brasil: uma visão demográfica, *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 16, 1999, pp. 121-137.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo, Edusp, 1995.
- FERNANDES, Rubem C. Aparecida: nossa rainha, senhora e mãe, saravá! In: SACHS, V. et al. *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*, Rio de Janeiro, Graal, 1988, pp.85-111.
- FRIGERIO, Alejandro. O paradigma da escolha racional: mercado regulado e pluralismo religioso, *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 2, 2002, pp. 17-39.
- INGLEHART, Ronald. The Silent Revolution in Europe: Intergerational change in Post-industrial Societies, *The American Political Science Review*, vol. 65, n. 4, dec 1971, pp. 991-1017.
- JACOB, C. R. et al. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio, São Paulo, Loyola, 2003.
- MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.
- NERI, Marcelo. *Economia das religiões*. FGV/IBRE, CPS, Rio de Janeiro, 2007.

- PIERUCCI, A.F. “Bye bye, Brasil” - O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000, *Estudos Avançados* 18 (52), 2004, pp.17-28.
- PRANDI, R., SOUZA, A.R. A carismática despolitização da Igreja Católica. In: PIERUCCI, A. F., PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1996, pp.35-92.
- ROSADO, Maria J. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões, *Cadernos PAGU*, 16, 2001, pp. 79-96.